



## Poesia, feminismo e resistência na escrita de Rupi Kaur

Poetry, feminism and resistance in Rupi Kaur's writing

Luciano Dias de Sousa\*

Mileane Andrade Azevedo\*\*

Marcos Antônio Pereira Coelho\*\*\*

**Resumo:** As mulheres se fazem presentes como protagonistas nos versos de diversos poemas e têm conquistado cada vez mais espaço na Literatura, traçando suas concepções e compartilhando suas convicções na autoria de diversas obras. Assim sendo, este estudo tem por objetivo analisar a obra da autora canadense Rupi Kaur, como forma de reflexão acerca de questões sobre o espaço da mulher na sociedade, tais como a sentimento feminino, desigualdade de gênero, a desconstrução de estereótipos e violência. A literatura de autoria feminina, suas representatividades e diálogos, a inserção do pensamento feminista na prática literária na interiorização da perspectiva feminista, dando voz às mulheres na luta pelo reconhecimento, direito e respeito. Os poetas com suas expressões emolduradas por intermédio das palavras compreendem a virtude de despertar nos legentes pensamentos críticos-reflexivos, possibilitando uma visão profusa e crítica do próprio ser e da sociedade.

**Palavras-chave:** Rupi Kaur. Poesia. Feminismo. Resistência.

**Abstract:** Women are present as protagonists in the verses of different poems and have conquered more and more space in Literature, tracing their conceptions and sharing their convictions in the authorship of several works. Therefore, this study aims to analyze the work of Canadian author Rupi Kaur, as a way of reflecting on issues about the space of women in society, such as the female feeling, gender inequality, the deconstruction of stereotypes and violence. Literature of female authorship, its representativeness and dialogues, the insertion of feminist thought in literary practice in the interiorization of the feminist perspective, giving voice to women in the struggle for recognition, right and respect. The poets with their expressions framed by words understand the virtue of awakening in the critical critical-reflexive thoughts, enabling a profuse and critical view of the very being and of society.

\* Mestre em cognição e linguagem – docente na UEMG. Contato: poesiaeci@gmail.com

\*\* Especialista em Ciências das Religiões e Filosofia; e Docente. Contato: mile30azevedo@gmail.com

\*\*\* Mestre em Cognição e Linguagem e Docente do Curso Sistema de Informação. Contato: poesiaeci@gmail.com



**Keywords:** Rupi Kaur. Poetry. Feminism. Resistance.

### Considerações iniciais: vozes das mulheres na Literatura

Simone de Beauvoir<sup>1</sup> escreveu em *O Segundo Sexo*, em 1949, a frase: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, este trecho da obra marcou a luta do movimento feminista. Para a filósofa, nenhuma de nós nasce ciente do lugar que ocupa na sociedade, é um processo de descoberta e construção social, as escolhas derivam de circunstâncias em que o indivíduo está inserido. A obra *O segundo sexo* é um marco para se pensar sobre o lugar da mulher na sociedade.

Quando emprego as palavras ‘mulher’ ou ‘feminino’ não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender: ‘no estado atual da educação e dos costumes’. Não se trata aqui de enunciar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda a existência feminina singular.<sup>2</sup>

Entender o que significa culturalmente ser homem ou mulher, dado que é um processo sociocultural, se aprende de inúmeras maneiras e lugares, independentemente do gênero com que a pessoa se reconheça. A literatura pode ser uma dessas portas da percepção e espaço para debate e reflexão.

Para Zinani<sup>3</sup>, na desconstrução do discurso patriarcal, a voz da figura feminina passa a ser ouvida, possibilitando-lhe revelar a sua experiência e expressar uma nova ordem social e simbólica, cujos parâmetros desvelam o universo da mulher, com a intenção de projetar uma estética com caráter feminino, na medida em que esse universo é representado na literatura, que pode se converter em elemento político influente na transformação dos sistemas de poder existentes.

A literatura, assim como a arte em geral, por muito tempo, foi um espaço organizado para homens, geralmente brancos, de classe média e heterossexual, o que sempre excluiu expressões artísticas feitas por negros, mulheres e outras minorias marginalizadas por uma sociedade baseada no elitismo e no gênero masculino. Isso levou, historicamente falando, à formação de uma literatura excludente, estabelecido de acordo com determinada sociedade da época e sua cultura.

<sup>1</sup> Simone de Beauvoir foi uma escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa do século XX.

<sup>2</sup> BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. vol. II. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2016, p. 7.

<sup>3</sup> ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero**: a construção da identidade feminina. Caxias do Sul, RS: Editora Educs, 2013, p. 17. Cecil Jeanine Albert Zinani é doutora em Letras: Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

É isso que explica a escassez, por séculos, de obras de escritores vindos das ditas minorias como negros, mulheres e homossexuais. Para que a mulher conseguisse alguma representatividade, foi preciso que, mediante a luta e uma crítica feminista, começassem os questionamentos quanto à construção social e cultural de uma literatura que as mulheres apresentassem a sua escrita.

A literatura de autoria feminina foi conferindo à mulher o direito de falar, e surge com a missão de trazer outros olhares, posicionados a partir de outras perspectivas através de personagens em romances e expressões poéticas de resistência e luta pela ampliação do campo literário; pelo fortalecimento da literatura; pela divulgação das produções femininas; pelas experimentações poéticas atuais e pelos estudos de produções de mulheres marginalizadas pelo processo histórico.

Do mesmo modo, a crítica literária feminista, surgida nos Estados Unidos e na Europa a partir dos anos 1960 e 1970, avança o processo de desconstrução dos padrões literários existentes, calcados em ideologias de gênero. As mulheres, até então silenciadas e marginalizadas, foram impulsionadas a emancipar-se no campo literário e a lançar questionamentos sobre os discursos hegemônicos, desnudando-lhes o modo de funcionamento, desmascarando os processos de naturalização das diferenças hierarquizadas de gênero e, conseqüentemente, problematizando o cânone literário estabelecido.<sup>4</sup>

No cenário atual, surge Rupi Kaur, jovem escritora canadense nascida em Punjab, na Índia, que, com seu primeiro livro de poemas, chegou a ocupar os primeiros lugares na lista dos mais vendidos. Rupi Kaur iniciou sua vida literária em 2014, com a publicação de breves poemas feministas com ilustrações próprias em seu perfil da rede social *Instagram*. Rupi, além de escrever, pinta e desenha, tendo uma carreira artística multifacetada e tem conquistado leitores de todas as idades pela sua escrita simples, porém de extrema sensibilidade e profundidade temática. Os poemas publicados inicialmente em sua conta no *Instagram* transformaram-se em uma coletânea e foi publicado com o título *Milk and Honey* em novembro de 2014.

---

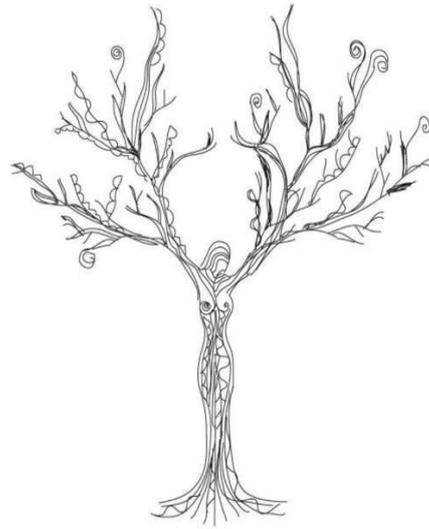
<sup>4</sup> ROSSINI, Tayza Cristina Nogueira. A construção do feminino na literatura: representando a diferença. **Trem de Letras**, Alfenas, MG, v. 3, n. 1, p. 97-111, 2016, p. 98. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/459>. Acesso em: 30 abr. 2020. Tayza Cristina Nogueira Rossini é graduada em Letras - Lic. Plena (Português - Inglês) e Mestre na linha de pesquisa Literatura e Construção de Identidades.



**Figura1:** Ilustrações de Rupri Kaur.

and here you are living  
despite it all

- rupri kaur



Fonte: Livro *Outros jeitos de usar a boca*<sup>5</sup>

Rupi Kaur escreve originalmente em língua inglesa, contudo, mantém elementos tradicionais da sua língua nativa, o *Punjabi*. Todos os seus poemas não possuem pontuação e são escritos com letras minúsculas, inclusive as palavras iniciais de cada verso e os nomes próprios. Tais aspectos são típicos do *Punjabi* e representam não apenas uma carga linguística inerente da autora, mas também toda uma representatividade de alguém que é a porta-voz de uma cultura hostil, uma cultura com mulheres que lutam por transformação modificação de um discurso do colonizado antes marginalizado. Seus temas abordam o abuso contra as mulheres, perdas, traumas afetivos, amor, feminilidade e empoderamento feminino.

O objetivo do estudo é analisar a característica da poesia de Rupri Kaur como forma de reflexão acerca de questões sobre o espaço da mulher na sociedade. A autora abrange em si um discurso simples, porém, com uma mensagem de engajamento feminista e denúncia das questões entorno da mulher na sociedade em todos os âmbitos.

### A literatura de cunho feminino

A abertura para novas práticas culturais, bem como o questionamento das relações entre cultura, história e sociedade, se originou a partir do surgimento do debate dos Estudos Culturais, em meados do século XX. Novas formas de cultura e escrita impôs a necessidade de repensar, entre outros aspectos, os referenciais que se fazia o sistema literário. Essa modalidade de estudo

<sup>5</sup> KAUR, Rupri. **Outros jeitos de usar a boca**. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo, SP: Planeta, 2017. Disponível em: [https://static.tumblr.com/jh0avtj/gFCowuyvp/outros\\_jeitos\\_de\\_usar\\_a\\_boca\\_-\\_rupri\\_kaur.pdf](https://static.tumblr.com/jh0avtj/gFCowuyvp/outros_jeitos_de_usar_a_boca_-_rupri_kaur.pdf). Acesso em: 1 ago. 2021.

ampliou a abordagem de temas vinculados às culturas populares, aos meios de comunicação de massa, às identidades de gênero, sexo, classe, etnia, geração, ou seja, colocou em evidência uma produção marginalizada, oportunizando a redução da invisibilidade a que uma significativa parcela de autoras estava relegada.

No momento em que os Estudos Culturais prestam atenção a formas de expressão culturais não-tradicionais se descentra a legitimidade cultural. Em consequência, a cultura popular alcança legitimidade, transformando-se num lugar de atividade crítica e de intervenção. Dessa forma, a consideração sobre a pertinência de analisar práticas que tinham sido vistas fora da esfera da cultura inspirou a geração que desenvolveu os Estudos Culturais, principalmente, a partir dos anos 60. Logo, os Estudos Culturais construíram uma tendência importante da crítica cultural que questiona o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais, estabelecidas a partir de oposições como cultura alta/baixa, superior/inferior, entre outras binariedades.<sup>6</sup>

As representações literárias registram, em suas particularidades formais, em seus modos e estilos, os símbolos da pluralidade, os sinais que diferenciam mundos histórico-sociais. Como imagens, essas representações literárias revelam uma relação direta com a realidade.

Nesse sentido, a escrita de autoria feminina busca, por meio da escrita literária, estabelecer representações que questionam e contestam as posições ocupadas por homens e mulheres na sociedade. A inclusão social da mulher passa por um processo de renovação da sua identidade em todos os setores, inclusive no campo literário. A produção literária de autoria feminina é o grito de luta da mulher por espaço, reconhecimento, igualdade, mas, sobretudo, da reformulação da identidade feminina na sociedade.

A discussão envolvendo identidade e subjetividade tornou-se significativa, nos últimos anos, devido, em especial, à fragmentação do indivíduo moderno, não mais percebido como uma unidade; assim, a identidade, entendida como m conjunto de características próprias de um sujeito, sofre por base. Dessa maneira, uma vez que o sujeito se torna problemático, a identidade não é mais m elemento fixo e estável.<sup>7</sup>

A partir da representação de gênero pode-se perceber a organização da vida social e as conexões de poder nas relações entre os sexos; o seu estudo é um meio de decodificar e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. A representação pode ser considerada como a consolidação de um discurso que constrói uma identidade do feminino e do masculino que encarcera homens e mulheres em seus limites de diferença determinante socialmente de ser como sujeito e suas relações de identidade. De acordo com Butler,

<sup>6</sup> ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Os Estudos Culturais**. [s.d.], p. 5. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3363368/mod\\_resource/content/1/estudos\\_culturais\\_ana.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3363368/mod_resource/content/1/estudos_culturais_ana.pdf). Acesso em: 30 abr. 2020. Ana Carolina Escosteguy possui doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP.

<sup>7</sup> ZINANI, 2013, p. 9.

A noção binária de masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especialidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a 'especificidade' do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a 'identidade' como tornam equívoca a noção singular de identidade.<sup>8</sup>

A literatura produzida pelas mulheres é aquela que envolve o pensamento sobre gênero, aborda temas universais e que se diferencia por meio do ponto de vista, de temas abordados, de universos criados e, principalmente, do meio social da qual se origina e das condições históricas, socioeconômicas e culturais. Em vez de se partir do princípio de que mulheres escrevem diferente dos homens, é necessário que haja a identificação dos elementos que compõem o discurso tecido pelas mulheres. O discurso feminino, então, passa a ser a materialização de formações ideológicas.

No século XIX, recuperou-se uma imagem mais nítida das mulheres através de diários, fotos, cartas, testamentos, relatórios médicos e policiais, jornais e pinturas. No século XX elas ganharam visibilidade por meio de livros e manifestos de sua própria autoria, da mídia cada vez mais presente, dos sindicatos e dos movimentos sociais dos quais participam, das revistas que lhes são diretamente dirigidas, dos números com que são recenseadas. Enfim, toda sorte de documentos que o historiador utiliza para desvendar o passado foram largamente consultados para jogar o máximo de luz sobre histórias tão ricas e tão diversas.<sup>9</sup>

Atualmente, a literatura feita por mulheres envolve a conquista da identidade de escrita, vencidos os condicionamentos de uma ideologia que a manteve nas margens da cultura. Superadas as necessidades de apresentar-se sob o anonimato, de usar pseudônimo masculino e de utilizar-se de estratégias para mascarar seu desejo, a literatura escrita por mulheres engaja-se, hoje, num processo de reconstrução da categoria "mulher" enquanto questão de sentido e lugar privilegiado para a reconstrução do feminino e para a recuperação de experiências silenciadas pela tradição cultural dominante. É nesses termos que esse fazer literário se inscreve, com seu potencial reflexivo e como prática de luta também política.

Feministas assumidas ou não, as mulheres forçam a inclusão dos temas que falam de si, que contam sua própria história e de suas antepassadas e que permitem entender as origens de muitas crenças e valores, de muitas práticas sociais frequentemente opressivas e de inúmeras formas de desclassificação e estigmatização. De certo modo, o passado encoberto pela névoa das representações hegemônicas precisava ser reinterrogado a partir de novos olhares

<sup>8</sup> BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2013, p. 21. Judith Butler é uma filósofa pós-estruturalista estadunidense, uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, teoria queer, filosofia política e ética.

<sup>9</sup> PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo, SP: Contexto, 2012, p. 8. Mary Del Priore é doutora em História Social na Universidade de São Paulo e pós-doutora na *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, na França.

e problematizações, através de outras ferramentas interpretativas, criadas fora do modelo androcêntrico das ciências humanas e sociais.<sup>10</sup>

Assim, ao se pensar na escrita de mulheres, deve-se levar em conta percepções e valores construídos em que as mulheres foram submetidas e ainda são dentro da sociedade. É necessário considerar características que possam ser reconhecidas como predominantemente femininas pela sua sintonia com aspectos dominantes na vida das mulheres, a sua experiência corporal, interior, social e cultural.

As mulheres escritoras representam as correntes mais vivas e críticas do pensamento feminino. A libertação das mulheres, representada na escrita literária, defende a necessidade de uma nova referência do seu próprio ser, como construção de sua identidade social edificada por oposição a toda definição imposta ao longo dos tempos.

### A poesia de mulher para mulher de Rupi Kaur

O poeta é aquele que revela o real sem definição. As palavras, a matéria com que lida o poeta, não são simplesmente instrumentos de comunicação, mas adquirem, no poema, uma beleza que resplandece. A elaboração e a leitura de um poema são experiências individuais nas quais o sujeito parece voltado exclusivamente para dentro de si, tendo como ponto de partida a inspiração do poeta. Assim a experiência poética pode transformar nossas vidas.

Para Paz<sup>11</sup>, a poesia está em tudo e pode transformar o mundo. Ela representa a libertação que revela o humano e tudo que o cerca, pois consegue ao mesmo tempo expressar a história de raças, nações e classes. A linguagem é múltipla, seu ofício é primordial para a construção da cultura, para a inscrição e a restauração de símbolos de libertação feminina.

Os versos de Rupi são duros: tratam de abuso, violência, amor, sofrimento, maternidade, machismo e relacionamento. Falam de traumas, temores e dificuldades de ser mulher numa sociedade controlada pelo pensamento patriarcal. Os dois livros publicados por ela, também representam o empoderamento feminino. Rupi tece em suas obras literárias (*Outros jeitos de usar a boca* – 2017; *O que o sol faz com as flores* – 2018), poesias que prendem a atenção e incentiva quem lê a se colocar no lugar de quem fala e fazer uma reflexão da condição de ser mulher.

Com uma linguagem e temática direta, sem rebuscamento, a autora está preocupada com o entendimento da mensagem, ela que ser lida e que suas palavras sejam percebidas para

<sup>10</sup> TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. **Raído**, Dourados, MS, v. 10, n. 21, p. 153-164, jan./jun. 2016, p. 154. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5217>. Acesso em: 30 abr. 2020. Losandro Antonio Tedeschi é Doutor em História. Atua e pesquisa em relações de gênero e a história das mulheres.

<sup>11</sup> PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2014. Octavio Paz Lozano foi um poeta, ensaísta, tradutor e diplomata mexicano, notabilizado, principalmente, por seu trabalho prático e teórico no campo da poesia moderna ou de vanguarda.

reflexão. Toda sua poética é estruturada através de objetos e fatos do cotidiano. O material de sua poesia é o mundo real marcado por imagens que nos remetem as suas recordações que funcionam como fontes expressivas. Recordações do mundo feminino, sentimentos repressores que a mulher é sujeita desde que nasce e estrutura-se como indivíduo dentro da sociedade, moldada pelo comportamento masculino e perverso.

você  
cresceu ouvindo que  
suas pernas são  
um pit stop para homens que  
procuram um lugar para repousar  
um corpo vazio desocupado o bastante  
para receber hóspede mas  
nenhum nunca chega  
disposto a ficar.<sup>12</sup>

Outros temas frequentes na poesia de Rupi são o abuso e a violência contra a mulher. Ela mesma se considera sobrevivente da prática de violência feminina e restrição da liberdade de escolha, como aborto, comum na região onde nasceu. A autora ainda escreve sobre outros tipos de violência, liberdade limitada, presa a padrões rígidos de beleza e comportamento que impedem de viver como bem quer, com as próprias escolhas e com a expressão única e individual de feminilidade. As mulheres constantemente são vítimas de assédio, abuso e violência doméstica e sexual. De várias maneiras, experimentam a opressão, em casa ou na rua.

nos joelhos  
arreganhados por primos  
e tios  
e homens  
nossos corpos manipulados  
pelas pessoas erradas  
que mesmo numa cama segura  
sentimos medo<sup>13</sup>

A autora de um discurso poético que contesta as representações ficcionais já existentes sobre o corpo feminino, denunciando o silenciamento, a desumanização, a repressão e a invisibilização a que as mulheres são submetidas, historicamente pela dominação masculina. Conforme afirma Adiche<sup>14</sup>, os estereótipos de gênero são tão profundamente incluídos em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade.

---

<sup>12</sup> KAUR, 2017, p. 13.

<sup>13</sup> KAUR, 2017, p. 36.

<sup>14</sup> ADICHIE, Chimmanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Chimamanda Ngozi Adichie é uma feminista e escritora nigeriana. Ela é reconhecida como uma das mais importantes jovens autoras anglófonas de sucesso, atraindo uma nova geração de leitores de literatura africana.

Por outro viés, o amor, sexo e desejo articulam numa poesia na qual as palavras são cuidadosamente escolhidas para dar o cunho erótico à própria vida, representada, por sua vez, por tudo que está ao redor. Se amor, sexo e desejo são responsáveis também no processo da vida, não há motivo de vergonha ou ditadura da fala e da escrita. Na poesia de Kaur, a mulher explora e vive o sexo de forma livre, sem reprimir seus desejos e sentimentos. E por meio da voz lírica, a mulher revela outras necessidades que emanam de seu corpo, como amar e sentir prazer; sem repetir ou apelar para formas depreciativas de exposição de sua intimidade.

ela não é um filme pornô  
nem é o que você procura  
numa sexta à noite  
ela não é grudenta nem fácil nem fraca

- problemática não é piada<sup>15</sup>

A imaginação poética, o sonho, o desejo, o prazer sexual aparecem em função das necessidades do corpo feminino. Ao arregañar as vestes, a nudez feminina fica à mostra e pode ser observada por todos os versos, em seus contornos mais íntimos e delicados, porém, sem medo de ser julgada, mas como forma de explorar uma intimidade feminina por muito tempo escondida, renegada por uma sociedade onde os desejos sexuais são somente para os homens.

Ao mesmo tempo em que revela uma intimidade feminina, também denúncia em seus versos imagens de um corpo feminino carregando as dores de onde ecoam as vozes de mulheres que vivenciaram as amarguras das experiências vivenciadas.

nosso trabalho deve preparar  
a próxima geração de mulheres  
para nos superar em todas as  
áreas esse é o legado que vamos  
deixar

- progresso.<sup>16</sup>

Poesia feminina que produz questionamentos e constrói respostas as suas interpelações, inquietações e frustrações. Literatura de luta que se movimenta e se contrapõe a todas as formas de opressão. Assim, de acordo com Berth<sup>17</sup>, quando assumimos que estamos dando poder, em verdade estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas

---

<sup>15</sup> KAUR, Rupi. **O que o sol faz com as flores**. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo, SP: Planeta, 2018, p. 220.

<sup>16</sup> KAUR, 2018, p. 241.

<sup>17</sup> BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte, MG: Letramento, 2018. Joice Berth é escritora, feminista negra, arquiteta e urbanista, formada pela Universidade Nove de Julho e pós-graduada em Direito Urbanístico pela PUC-MG.

mais variadas habilidades humanas, de sua história; principalmente, um entendimento sobre a condição social e política.

Trata-se de um discurso feminino que traz à cena uma voz poética transbordando em desejos, denúncia, intimidade, força, superação e luta, que são temas intrinsecamente ligados ao sujeito da escrita, que está interessada em valorizar e abrir caminhos para as mulheres em todas as culturas.

### Considerações finais

O sexo feminino sempre foi (e até hoje é) considerado inferior ao sexo masculino, definindo, assim, a dominação de um gênero sobre o outro. Em toda a história, para a mulher sempre foi determinada a vida privada, o recato, a maternidade e o trabalho doméstico, por serem pré-determinadas a elas características como fragilidade, doçura, delicadeza e até incapacidade. Preconceitos e falta de conhecimento sempre fizeram com que a mulher fosse considerada inferior e, como consequência, submissa ao homem.

A transgressão das formas opressoras pode ser observada no posicionamento da voz poética Rupi Kaur, que coloca a mulher e o homem no mesmo nível. Ao invés de estar subjugada ao “desejo masculino”, ela quer e ele consente, em um movimento de completude dos corpos. Isto permite ao eu lírico mostrar a sua autonomia na busca pela realização de seus desejos e sentimentos. A compreensão de sua condição e reflexão para lutar e conquistar espaço social e respeito.

Com uma linguagem acessível, Rupi Kaur, faz uma poesia de sobrevivência e de luta, para que sua voz poética chegue aos ouvidos de todas as mulheres do mundo. Assumidamente feminista, seus poemas trazem como tema questões particulares de ser mulher. Assim, se trata de uma escrita que desvia dos ideais impostos pela literatura tradicional, como as limitadas noções de racionalidade, neutralidade e do autor como um ser que transcende os limites materiais. Rupi Kaur conseguiu ocupar uma posição de destaque em nossa cultura.

### Referências

ADICHIE, Chimmanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. vol. II. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2016.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte, MG: Letramento, 2018.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2013.



ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Os Estudos Culturais**. [s.d.]. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3363368/mod\\_resource/content/1/estudos\\_culturais\\_ana.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3363368/mod_resource/content/1/estudos_culturais_ana.pdf). Acesso em: 30 abr. 2020.

KAUR, Rupi. **Outros jeitos de usar a boca**. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo, SP: Planeta, 2017. Disponível em: [https://static.tumblr.com/jh0avtj/gFCowuyvp/outros\\_jeitos\\_de\\_usar\\_a\\_boca\\_-\\_rupi\\_kaur.pdf](https://static.tumblr.com/jh0avtj/gFCowuyvp/outros_jeitos_de_usar_a_boca_-_rupi_kaur.pdf). Acesso em: 1 ago. 2021.

KAUR, Rupi. **O que o sol faz com as flores**. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo, SP: Planeta, 2018.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2014.

PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo, SP: Contexto, 2012.

ROSSINI, Tayza Cristina Nogueira. A construção do feminino na literatura: representando a diferença. **Trem de Letras**, Alfenas, MG, v. 3, n. 1, p. 97-111, 2016. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/459>. Acesso em: 30 abr. 2020.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. **Raído**, Dourados, MS, v. 10, n. 21, p. 153-164, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5217>. Acesso em: 30 abr. 2020.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero: a construção da identidade feminina**. Caxias do Sul, RS: Editora Educs, 2013.

[Recebido em: abril de 2020 /  
Aceito em: maio de 2021]